

DEEPPFAKE: ENTRETENIMENTO OU FRAUDE?

Dom Edson Oriolo¹

Nesse tempo em que estamos envolvidos com a crise sanitária Covid-19 e suas consequências para a evangelização, entramos em um mundo totalmente desconhecido para anunciar as verdades sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem, na era digital. Em tal cenário, encontramos desafios e, sem muita expertise para evangelizar e por ignorância digital, caímos muitas vezes no ridículo. Não estamos sabendo administrar o espaço virtual.

A evangelização no mundo digital defronta-se com recursos que devemos, minimamente, ter noção. São ferramentas que nem sempre são bem usadas no cenário (*écrans*) virtual. Esse mundo digital, baseado no algoritmo, faz-nos defrontar com bolhas digitais, ou seja, com envio de assuntos segundo o uso que fazemos da internet como que condicionando nosso universo de notícias. Junto com *Bad News*, *Good News*, *Fake News*, surge a *deepfake*, ampliando o mundo da pós-verdade.

As *deepfakes* são vídeos criados pela inteligência artificial com a finalidade de imitar as expressões e até a voz da pessoa, fazendo com que o sujeito possa aparentar, fazer ou dizer algo que nunca fez. Trata-se de um recurso ou ferramenta que tem uma finalidade que pode ser desvirtuada por quem a maneja. Por detrás da ferramenta está sempre um ser humano que é o responsável pelo uso que faz desse instrumental. Essa prática polêmica já se encontra nas redes sociais. Está se tornando uma brincadeira entre os adolescentes, jovens e também sendo usada para sátiras com autoridades e pessoas comuns.

Hoje, os membros da geração dos *écrans* virtuais têm uma facilidade enorme na criação de vídeos falsos usando *deepfakes* em espírito de brincadeira, mas com alta dose de ingenuidade. Existem diversos aplicativos capazes de fazer manipulação de imagens com resultados convincentes. Esses vídeos, criados pela inteligência artificial, produzem a aparência, as expressões e até a voz de alguém do mundo real. São vídeos falsos cada vez mais realistas e com evolução da tecnologia fica difícil de discernir o que é real e o que não o é.

Essa técnica, usando a inteligência artificial, manipula o rosto das pessoas. Essa substituição de um rosto ou de uma fala tem sempre um objetivo e uma intenção humana. Como são vídeos manipulados pela perfeição técnica, torna-se difícil saber o que é o real ou falso. Colocar rostos de pessoas em vídeos ou em fotos dos quais os indivíduos não participam é sempre uma fraude. O intuito é enganar os espectadores. Pode-se dizer que se trata de uma mentira profundamente bem construída. Com tal ferramenta criam-se sátiras políticas; humilham-se pessoas, colocando autoridades ou pessoas comuns à sombra do ridículo; aumentam a desinformação; manipulam discursos de personalidades políticas e eclesiais.

O que acentua a dificuldade é o fato desse recurso ser disponibilizado pelo seu caráter curioso e que pode desvirtuar a imagem de alguém. Isto, pode ser um simples objeto de diversão (um brinquedo sofisticado), mas pode também ter uma conotação mais

¹ Bispo da Igreja Particular de Leopoldina MG

pejorativa pelo intuito de colocar o indivíduo como vítima, não só de ridículo, mas de desonra. Assim, fere-se a sua dignidade ou prejudica suas atividades e convivências familiar, eclesial e social.

Há uma responsabilidade moral tanto para quem utiliza de forma perversa o instrumental como para quem o recebe e o difunde. Por mais que se queira exaltar a inteligência artificial, o seu universo radica-se na criatividade humana e, como tal, é regido pelos princípios de individualização, personalização, conhecimento e comunicação da verdade e pela responsabilidade quanto aos resultados bons e maus das próprias ações.

No entanto, usar a inteligência artificial como um falsificador incorrerá em muitos desafios. Dizem os especialistas que daqui a três anos ficará difícil distinguir o verdadeiro do falso. Temos que nos alertar e sermos mais proativos, críticos em relação aos vídeos que estamos recebendo e compartilhando. Uma expressão que vamos escutar muito, uma mentira profundamente bem construída.

A popularização do *deepfake* fica no aspecto curioso ou divertido, sem atinar para a má intenção com que faz uso desse recurso. O que falta, portanto, é a educação para o discernimento de como se confrontar com um resultado perverso que é veiculado nas redes sociais. Existem indicativos que nos ajudam a identificar um vídeo manipulado, com o rosto desfocado e embaçado, movimento dos olhos, bocas e sobrancelhas, entre outros detalhes perceptíveis.

Contudo, com a evolução da tecnologia, é possível concordar que ficará difícil, mas não impossível, distinguir o verdadeiro do falso. Afinal, desde que as tecnologias da comunicação sobre a vida (fumaça, tambor, rádio, televisão) e da representação da vida (pintura, fotografia, cinema) foram sendo aperfeiçoadas, usos com diversos sentidos foram feitos e pouco se conseguiu em termos de como saber interpretar as informações seja em termos de palavras seja em termos de imagem.

Finalmente, a evangelização dá importância aos meios de comunicação (cf. EN 45), ao contato pessoal (cf. EN 45), aos sacramentos (cf. EN 45) e principalmente a verdade que é o próprio Cristo (Jo 14,6; 18,37-38). A internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus. Formas atuais de comunicação nos orientem efetivamente para o encontro generoso, a busca sincera da verdade íntegra, o serviço, a aproximação dos últimos e compromisso de construir o bem comum. No entanto, não podemos aceitar um mundo digital projetado para explorar as nossas fraquezas e tirar fora o pior das pessoas (cf. FT 205)